

Enceto esse poema de amor na hora incerta
como a criança que canta mais alto
ao passar na frente do cemitério.
E digo amor. Rangem as dobradiças
de cada som. Racha-se cada letra,
estripo cada grama do sentido
—cheias de grumos as mãos, sangue preso...
Fóssil que busca liberar-se
da sua dureza mineral, coral,
fruto de rubi. Milagre do espelho
que multiplica o seu desejo. A angústia
abdica do seu nome: o trono
está vazio e convoca um tirano
desconhecido, decerto mais cruel.
O gavião fita, de longe, o passo dos dias:
não escapa nada ao seu olho frio.
Tudo dorme. E te chamo de amor, insisto
em chamar-te assim. E em não queimar
a casca da palavra, onde a carne
parece começar já a apodrecer. Não. Redizer-te.
Redizer-te aos arranhões no muro
que ergue entre o meu desejo e Você.